

Expedição ao inverno, de Aharon Appelfeld: a tradução hebraica de uma questão judaica

LUIS S. KRAUSZ

Doutor em Literatura e Professor Doutor de Literatura Hebraica e Judaica na FFLCH/USP

RESUMO Este artigo propõe uma leitura do romance *Expedição ao Inverno*, do escritor de língua hebraica Aharon Appelfeld, recém-traduzido ao português, a partir do retrato que ele aí traça do universo judaico da Bucovina, antiga província do Império Austro-Húngaro incorporada à Romênia após a 1ª Guerra Mundial e lugar de nascimento do autor. Neste romance, como em outros dos romances do autor ambientados nesta região da Europa Central, Appelfeld desenha um universo judaico muito singular, dividido entre o interesse pela cultura alemã e pelo Iluminismo, por um lado, e uma vinculação a cada tanto mais atenuada pelo hassidismo e pela tradição religiosa, de outro. Estes dois aspectos opostos – e frequentemente conflituosos – do judaísmo centro-europeu conduziram a uma cisão em que ambas as facções se viram cada vez mais marginalizadas pelo nacionalismo romeno no período entre-guerras. Ao mesmo tempo, esta divisão impedia os judeus de se darem conta do perigo iminente que decorria da ascensão do nazismo e da expansão do III Reich durante a 2ª Guerra Mundial, que pegaria esta comunidade de surpresa. O propósito do autor, neste como em outros romances é, deliberadamente, o de fazer uma reconstrução de seu universo de origem e, neste sentido, aproximações são feitas entre o romance em questão e trechos de entrevistas concedidas pelo autor em diferentes oportunidades.

PALAVRAS-CHAVE Literatura Hebraica contemporânea, antissemitismo, judaísmo centro-europeu, Iluminismo Judaico, Hassidismo

ABSTRACT This article examines Aharon Appelfeld's *Journey into Winter*, a novel recently translated into Portuguese, from the point of view of the Jewish universe of Bucovina, a former province of the Austro-Hungarian Empire which has been incorporated into Romania after World War I where this author was born. In this novel, as in other novels by the same author, Appelfeld draws a peculiar Jewish universe divided between the interest in German culture and in Illuminism, on the one hand, and a dwindling connection to Hassidism and to the vanished religious tradition, on the other. These two opposing and often conflicting aspects of Central European Judaism have led to a division in the Jewish communities where both factions were taken by surprise by the arrival of nazi troops. Appelfeld seems to draw a connection between this schism and the Jews' unawareness of the impending danger. The author's purpose in this novel, as in other of his novels, seems to be to make a literary reconstruction of his universe of origin and therefore I have tried to draw some parallels between the novel and the contents of some interviews with Appelfeld.

KEYWORDS Hebrew Literature, anti-semitism, Central European Judaism, Haskalah, Hassidism

PRATICAMENTE DESCONHECIDO DOS LEITORES BRASILEIROS, AHARON APPELFELD (1932) é o escritor da língua hebraica que mais títulos tem traduzidos para o inglês. Sua obra é um memorial ao universo desaparecido dos judeus da *Mitteleuropa*, esse território fugidio e quase abstrato, a meio caminho entre o Oriente e o Ocidente da Europa, onde definham, há quase um século, os escombros do Império Austro-Húngaro.

Criada a contrapelo da história, sua literatura é um desafio à catástrofe da Segunda Guerra Mundial, e o romance *Expedição ao Inverno*, agora publicado em tradução brasileira, diretamente do hebraico, insere-se no contexto das obras de Appelfeld que reconstróem, em língua hebraica, o seu universo de origem. O enredo é ambientado numa localidade de veraneio nos Cárpatos, na Romênia, às vésperas do genocídio, e o texto, cheio de lirismo contido, retrata uma paisagem que é também a paisagem da infância do escritor. Os personagens judeus da narrativa vieram de cidades que, até 1918, tinham sido parte do Império Austro-Húngaro. São falantes de alemão e entusiastas da

modernidade. Mas sua crescente marginalização pelo nacionalismo romeno os leva à perplexidade e à depressão. Nessa localidade, eles encontram um velho *rabi* milagroso, último descendente de uma célebre linhagem hassídica, já no fim de seus dias. Divididos entre uma fé ancestral, que já não lhes parece aceitável, e o desejo de integração a uma Europa cada vez mais hostil, permanecem inconscientes da catástrofe que está por se abater sobre eles com a chegada das tropas nazistas.

As aproximações que o livro faz com o meio de extração de Appelfeld são bastante evidentes. Ele mesmo é um nativo de Czernowitz, cidade que foi conhecida no século XIX como “a pequena Viena do Leste” e um dos centros mais importantes de cultura germânica na Bucovina, na fronteira oriental do Império Austro-húngaro. Ao longo de todo o século XIX, enquanto se empenhavam em assegurar sua presença política e ideológica nessa região fronteira com os reinos da Romênia e com a Rússia, os monarcas Habsburgos, que conquistaram esse território na partição da Polônia, em 1772, esforçaram-se para fazer de Czernowitz um polo de difusão da cultura germânica secular moderna, de maneira a assegurar sua presença numa região ainda estranha aos parâmetros da civilização europeia oitocentista, cuja sociedade se estruturava, em sua maior parte, segundo paradigmas medievais e feudais.

Instituições basilares de um novo modelo de organização social e cultural – uma universidade de língua alemã, um teatro alemão e uma ópera alemã – foram construídos no centro de Czernowitz, nas últimas décadas do século XIX, ao mesmo tempo em que um plano de urbanização, que tomava como modelo a grande reforma urbana de Viena promovida pelo *Kaiser* Franz Joseph, foi implementado ali, à mesma época, como a coroação do antigo projeto habsburgo de fazer dessa cidade

um centro de cultura numa terra vista como “inculta e atrasada”. Posto avançado da ideologia liberal e modernizante de José II e de seus sucessores, a Czernowitz do século XIX desempenhou o papel de ilha de cultura numa região percebida como bárbara, regida pela irracionalidade e pela superstição, e estruturada em torno da tradição do feudalismo e da religião, vista como tirânica e injusta pela modernidade oitocentista.

A contraposição entre a crença no progresso e a religião da Bíblia parece adequada para expressar o conflito central pelo qual passaram, durante o século XIX e parte do século XX, os judeus não só da Bucovina mas do Império Austro-húngaro como um todo. Libertos, já no fim do século XVIII, do tradicional confinamento a guetos que marca boa parte da história judaica da Europa Central e do Leste, por meio do édito de tolerância promulgado por José II em 1782, os judeus do Império Austro-húngaro logo se viram expostos aos parâmetros culturais do século XIX, introduzidos nas suas regiões orientais por meio da língua e da cultura alemãs. As promessas de cidadania plena que se anunciavam nos éditos imperiais, bem como a possibilidade de exercer profissões até então proibidas, levou grande parte dos judeus do Império Austro-húngaro ao abandono de formas de vida estruturadas em torno das crenças messiânicas, dos estudos talmúdicos e da obediência às doutrinas religiosas e à busca por um lugar ao sol na sociedade burguesa e liberal oitocentista, que se implantava, gradativamente, em toda a extensão desta que foi a maior potência europeia do século XIX.

Os sinais do ‘progresso’ eram inequívocos e pareciam anunciar o fim de uma era de exílio para os judeus, que doravante se tornariam cidadãos com plenitude de direitos. A adoção de nomes alemães e da língua alemã significava, para essa população até então confinada às margens da so-

cidade, a possibilidade de integração num império cosmopolita e regido por princípios humanos universais, de tal forma que a gradativa renúncia das especificidades judaicas e sua substituição por um modelo de cultura humanística e germânica passou a representar o bilhete de entrada para a civilização moderna e, de certa forma, a suspensão da condição de exílio que marcava a experiência judaica na Europa Central – com todas suas implicações teológicas e messiânicas, de maneira que, para os judeus desta região, a modernidade, e em particular a modernidade austro-germânica, tornou-se uma espécie de sucedânea da Terra da Promissão.

Em certa medida, a presença da cultura germânica em Czernowitz tinha um caráter colonial: o papel civilizador e redentor da civilização alemã era considerado indiscutível, e as ambições intelectuais e artísticas invariavelmente expressavam-se na língua e no espírito de Goethe e Schiller. A noção de superioridade cultural e, sobretudo, o caráter missionário da presença cultural germânica numa região pejorativamente chamada de *Bärenland* (terra de ursos), eram os princípios implícitos da dominação habsburga nesta região, ao mesmo tempo em que o conhecimento e o domínio da cultura alemã eram pré-requisitos para o ingresso na “era do progresso.”

A burguesia local, em ascensão, empenhava-se, assim, em demonstrar que não vivia numa terra de ursos, e sim numa ilha de cultura, estreitamente vinculada à *Mitteleuropa* e à capital habsburga, da qual se via como uma espécie de sucursal. Ao mesmo tempo, a prosperidade crescente da burguesia – e sobretudo da burguesia judaica – de Czernowitz, era vista como decorrência direta da implantação de cultura alemã, em contraposição às tradições religiosas retrógradas que dominavam aquela parte da Europa até então, e que, em certa

medida, continuavam a predominar, a pouca distância deste centro de aculturação, nos campos e nas montanhas da Bucovina e da Galícia.

A dimensão política da germanização dos judeus da Galícia e da Bucovina é um aspecto fundamental da transformação cultural por que passou essa região. Na medida em que, grosso modo, os judeus da região tradicionalmente eram marginalizados pelos demais grupos de fé cristã, a germanização dessa população da fronteira oriental do Império e sua integração nas instituições monárquicas como cidadãos com igualdade de direitos era, indiretamente, uma maneira afirmativa de fortalecer ali o poder e a influência dos monarcas habsburgos.

O avanço da cultura austro-germânica entre os judeus cresceu ao longo de todo o século XIX. Já em 1875, o alemão se tornou a língua “oficial” na grande sinagoga de Czernowitz, e o Rabino-Mór Elieser Igel fazia seus sermões só no idioma dos monarcas. Os valores coletivos dos judeus das cidades da Bucovina se transformavam rapidamente e as normas talmúdicas só continuavam a receber atenção entre os judeus interioranos. Criava-se, assim, o que passou a ser chamado de *Kulturdeutschtum* ou “Germanidade cultural” entre esses judeus do Leste do Império. Mas este processo gradativo de germanização judaica na Galícia e na Bucovina do século XIX ocasionou uma verdadeira guerra entre facções judaicas, pois encontrava forte resistência no setor judaico tradicionalista, vinculado às cortes dos Rabis hassídicos tanto quanto à erudição talmúdica, que via nos seguidores das ideias modernas quase que uma apostasia. Convém lembrar que a Galícia e a Bucovina eram regiões repletas de *Wunderrabbis* (rabis milagrosos), que gozavam de enorme prestígio e cujas cortes chegavam a rivalizar, em esplendor, com as dos nobres cristãos.

Os resquícios deste conflito entre facções judaicas, que opôs, ao longo de todo o século XIX, os setores judaicos, o germanizado e modernizado, de um lado, e o tradicionalista e pietista, de outro, estenderam-se século XX adentro e suas marcas se encontram representadas em todos os romances de Appelfeld ambientados na *Mitteleuropa*. Mesmo depois do desmantelamento do Império Austro-húngaro, ao fim da I Guerra Mundial e do estabelecimento da soberania romena na antiga Bucovina dos habsburgos, este conflito continuou a polarizar a sociedade judaica local.

Entre os judeus de Czernowitz, ainda no período entre-guerras, a classe burguesa, intelectualizada e voltada para a modernidade, tinha com a cultura alemã suas afinidades eletivas, enquanto o proletariado judaico se mantinha apegado ao idioma ídiche e à religiosidade hassídica. Em sua maior parte, os judeus das cidades da Bucovina – como Czernowitz, mas também Sudzchava e Stroginetz – pertenciam a famílias germanizadas, ajustadas aos parâmetros da sociedade burguesa do século XIX.

Adotando uma visão de mundo preponderantemente racionalista e cética, eram, como acontecia com a maior parte dos judeus das grandes cidades de língua alemã do século XIX, praticantes de um judaísmo reformado e limitado, quando muito, ao âmbito dos rituais sinagogais em momentos específicos do calendário semanal e anual. Distanciados da fé de seus ancestrais, que viam como retrógrada e impregnada de superstições incompatíveis com uma visão de mundo moderna, voltada para o progresso e para a ciência, sentiam-se vinculados, sobretudo, ao patrimônio cultural germânico, muitas vezes cultuado já por seus pais e avós, e implicitamente percebido como sinônimo de civilização e de inteligência. Todos os aspectos irracionais da fé dos seus antepassados eram, de um modo geral, vistos com desconfiança, quando não com escár-

nio, e só aqueles aspectos do judaísmo que poderiam ser reconciliados com uma visão de mundo humanista e racionalista lhes pareciam toleráveis.

De outro lado, no *Hinterland* sobreviviam, ainda até as vésperas da ascensão do nazismo na Europa, os remanescentes daquele modo de vida judaico que floresceu sob o feudalismo Leste-europeu, descrito por Irving Howe em *World of our Fathers*, em que o passado bíblico e o futuro da redenção messiânica constituíam o horizonte existencial de um grupo étnico e religioso que percebia a si mesmo como exilado e que via na fidelidade estrita aos ensinamentos herdados por antepassados remotos o único caminho possível para a redenção e o único consolo para uma existência marcada por limitações opressivas de todos os tipos. Persistiam, também, de forma residual, as antigas cortes de dinastias rabínicas às quais se atribuía todo o tipo de poder, e que floresceram em dezenas de cidadezinhas espalhadas pela Galícia e pela Bucovina.

Este conflito, conforme Aharon Appelfeld conta em entrevista concedida a Nancy Rozenchan, fazia parte de sua própria história familiar: “(...) eu vinha de uma família assimilada que acreditava no progresso, que o mundo avançava para o bem. (...) Havia o símbolo do bom e do belo, a literatura alemã era a melhor literatura, a língua alemã era a mais bonita, Viena e Berlim, as cidades importantes...” (ROZENCHAN, 1999, p. 130).

A oposição entre o apego à tradição religiosa judaica, de um lado, e o desejo de integração na cultura austro-germânica, de outro, fez dos judeus da Bucovina retratados por Appelfeld – e dos judeus de língua alemã da Europa Central de um modo geral – um grupo populacional inteiramente desorientado depois do desaparecimento do Império Austro-húngaro, em 1918. Paralisados entre a superstição do progresso e da *Kultur*, de um lado, e a religião da Bíblia, cultuada por seus ances-

trais, de outro, formavam uma coletividade dilacerada por conflitos irresolvíveis, pela perda de parâmetros, pelas transformações incompreensíveis e pelo aviltamento de todos os valores.

Este legado de conflitos constitui-se na matéria de base da literatura de Appelfeld de um modo geral, e do romance *Expedição ao Inverno*, em particular. Embora o autor tenha sido deportado de sua cidade natal aos oito anos de idade, a memória do mundo dos seus ancestrais – e dos conflitos dos seus ancestrais – preenche sua literatura e recria, em língua hebraica, um universo existencial tipicamente judaico e centro-europeu do período entre-guerras.

Essa recriação de todo um ambiente psicológico e social é uma estratégia literária consciente e deliberada. Na mesma entrevista a Nancy Rozenchan, o escritor afirma: “Cada livro meu é uma construção. Construo minha vida. Construo a minha infância, construo a minha casa, o meu ambiente. Pego depois o que construí e transiro para cá.” (ROZENCHAN, 1999, p. 129). Em outra entrevista, concedida à revista suíça *Aufbau*, Appelfeld declara:

Eu cheguei à terra de Israel sem pais e não queria viver uma existência estéril de órfão. Então, eu reconstruí, para mim mesmo, meus pais e meus avós. Se meus pais eram judeus assimilados, eu queria tê-los junto de mim, e se meus avós se mantinham apegados à tradição, eu queria que eles estivessem comigo. Queria ter à minha volta a minha cidade, o meu ambiente, os Cárpatos. Escrever ajudou-me a reconstruir as minhas vivências da infância. (APPELFELD, 2008, p.17)

Em *Expedição ao Inverno*, Appelfeld retoma, portanto, a perplexidade dos herdeiros do conflito que contrapusera, sob a égide do Império, o pro-

gresso e a germanização de um lado, e a tradição do judaísmo, de outro. Foi em meio a esta cisão linguística, espiritual e cultural – uma cisão que já durava mais de um século e que, ainda assim, não se resolvia de maneira definitiva – que os judeus da Bucovina viram o desmantelamento do Império habsburgo, em 1918, e sua transformação em súditos da Romênia. As mudanças políticas logo os expuseram a uma situação nova, e particularmente incômoda. Se a política habsburga fora marcada por um espírito de conciliação e de negociação com as diferentes minorias étnicas e culturais, e sobretudo por uma política imperial no sentido do acolhimento e da integração dos judeus, os novos senhores não tardaram a implantar um sistema político opressivo, que tinha como objetivo esmagar as vozes de todas as etnias não-romenas que habitavam a região. E os judeus, evidentemente, fossem eles tradicionalistas ou modernizados, estavam entre as mais eloquentes dessas vozes indesejáveis.

O nacionalismo romeno só fez acirrar-se no período entre-guerras. Na década de 1930, o ministro Íon Nistor promulgou uma série de atos que tinham o objetivo explícito de enfraquecer a influência econômica e cultural das minorias não-romenas, e que visava, principalmente, a marginalização dos alemães e dos judeus. Planos de deportação maciça de não-romenos, exclusão dos judeus das instituições de ensino do Estado e do serviço público, nacionalização de empreendimentos, todas essas medidas tão próximas à política que Hitler implantava na Alemanha, aos poucos se tornaram realidade na Romênia em que Appelfeld passou sua primeira infância, um país dominado pela ideologia de molde fascista da Guarda de Ferro e do partido Cristão Social.

Assim, apesar de sua mudança de nacionalidade após o término da I Guerra Mundial, os judeus das cidades da Bucovina permaneceram estreita-

mente vinculados à cultura alemã, não obstante o fato de, a partir de 1937, serem obrigados a falar só em romeno, tanto em seus ambientes de trabalho quanto nas escolas e nos lugares públicos. A este respeito, Appelfeld declarou: “Em casa falava-se alemão e não ídiche; com os avós eu falava ídiche. As adjacências eram ucranianas. Quando eu nasci, o governo era romeno. De modo que eu falava quatro línguas e havia ali, naturalmente, vizinhos poloneses; mais uma das línguas que se falava ali era o francês, uma língua de elite; falavam-se muitas línguas, era uma cidade de cultura, com uma grande universidade e germanística.” (ROZENCHAN, 1999, p. 125)

Em conversa com Philip Roth, anos depois, ele reitera: “Minha língua materna era o alemão. Meus avós falavam ídiche. A maioria dos habitantes da Bucovina, onde passei a infância eram rutenos e, por isso, todos falavam ruteno. O governo era romeno e todos eram obrigados a falar romeno também.” (ROTH, 2008, p. 39)

Enquanto os judeus das cidades constituíam uma espécie de comunidade exilada de língua alemã no coração de uma Romênia cada vez mais virulentamente nacionalista, os do *Hinterland*, numérica e economicamente menos importantes, ainda se esforçavam por manter atados os laços cada vez mais residuais com a tradição – especialmente com a tradição do hassidismo.

O apego dos judeus germanizados da Bucovina à língua e à cultura dos antigos imperadores da região e sua oposição tenaz ao já declinante setor religioso e pietista, com seus ensinamentos e doutrinas e com seu culto em torno dos túmulos dos grandes seguidores do Baal Shem Tov (1700-1760), o fundador do Hassidismo, persistiria e até mesmo depois da queda do Império Austro-húngaro: a geração do entre-guerras, não obstante as mudanças no cenário político, continuava a ver a si mes-

ma como pertencente àquele universo evanescente da *Kultur* e da *Bildung* e via no setor judaico tradicionalista o sinônimo da barbárie e do obscurantismo. Sobre esse grupo, em meio ao qual nasceu, Appelfeld diz:

Os judeus assimilados construíram uma estrutura de valores humanistas e contemplavam o mundo externo a partir dessa estrutura. Estavam convictos de que não eram mais judeus e que tudo aquilo que se aplicava aos “judeus” não se aplicava a eles. Essa confiança estranha os transformou em criaturas cegas ou quase cegas. Sempre adorei os judeus assimilados, porque era neles que o caráter judaico, e também talvez o destino judaico, estava concentrado com maior força. (APPELFELD *apud* ROTH, 2008, p.39)

A cegueira desses judeus assimilados, que continuam a contemplar o mundo a partir de um conjunto de parâmetros excluído violentamente da história europeia após a I Guerra Mundial, é um dos temas recorrentes na ficção de Appelfeld – e talvez seja mesmo a temática central de toda sua obra, como ele mesmo diz: “Tento entender esse fenômeno denominado o ‘judeu moderno’, o que é o ‘judeu moderno’. Quem somos nós; em algum sentido o que trouxemos conosco, o que e como é que isso funciona, todas as contradições que há no judeu moderno...” (ROZENCHAN, 1999, p. 128).

A narrativa de *Expedição ao Inverno* não é uma exceção a essa regra, e neste romance Appelfeld retrata, de maneira particularmente eloquente, a atmosfera de desorientação e de desalento em que viveu a geração de seus pais às vésperas da chegada dos invasores nazistas, bem como a aniquilação de todas as vertentes judaicas dessa região. A negação veemente dos paradigmas da tradição judaica, de um lado, e a perda súbita da cidadania austro-hún-

gara e da possibilidade de uma continuidade de sua identidade cultural judaico-germânica, de outro, são, implicitamente, as responsáveis pela sensação de estar pairando no vazio que acompanha os percursos patéticos dos personagens desse romance – gente que flutua no tempo como balões de ar quente cujas chamas se extinguiram, e que se sabem condenados à queda e ao desaparecimento.

O romance é ambientado num lugar imaginário, denominado apenas *Har*, ou montanha, uma aldeia perdida nos Cárpatos orientais, no limite leste da região denominada *Waldkarpaten* (Cárpatos florestados), que atrai um grande número de judeus das cidades e todos eles, curiosamente, são vítimas de uma mesma epidemia: a bile negra, ou seja, a melancolia ou depressão – uma síndrome que infecta os judeus das cidades da Europa Central dos anos 1930, criando um sufocante microcosmo de aporias judaicas. Essa doença é considerada por Herbert Sturm, um dos personagens do livro, como a doença judaica por excelência. Sturm é um contador judeu de Czernowitz, que veio hospedar-se na montanha em busca de cura para suas próprias depressões, e que fala a Kutí, o protagonista do romance, que trabalha como mensageiro do hotel onde reside:

A depressão, você deveria saber, é uma doença caracteristicamente judaica. Em toda minha vida, nunca vi um *Goy* sofrer de depressão. Os judeus descobriram essa doença e fizeram dela sua doença particular. Eles a desenvolveram e a refinaram. Na minha família todos sofrem de depressão. Meu pai era um artista da depressão. Quando ele caía em depressão, contagiava a todos. Minha mãe era saudável, porém trinta anos de casamento a tornaram como ele. Não é por milagre que os judeus trouxeram para o mundo todos os tipos de remédios. Todos os

remédios são falsos. O que fazer, você pergunta. Tenho uma resposta decisiva: precisamos ser como os *Goyim*. Eles não têm depressões. Eles trabalham no campo, criam animais, tiram água dos poços, e à noite se embebedam e ficam alegres. Os judeus não sabem se alegrar, não é nenhum milagre que eles se deprimam o tempo todo (APPELFELD, 2011, p. 223).

A montanha atrai esses judeus melancólicos por uma singular conjunção de fatores, que é também emblemática da condição existencial e espiritual dos judeus germanizados do antigo Império. A beleza natural das serras, dos picos nevados e das florestas é propícia a restituir a *joie de vivre* de quem se encontra mergulhado na inação e na desorientação – como esta geração de Herbert Sturm, vinculada a uma ideia imperial desaparecida e sepultada para sempre, e que não é capaz de formular um novo conjunto de ideais convincentes, um sistema de ideais pelos quais valha a pena lutar, e que nem mesmo espera poder transmitir a seus descendentes a cultura na qual se formou, de vez que esta se tornou anacrônica e distópica depois de 1918.

Os deprimidos de Appelfeld, assim, são indivíduos fragmentados, que aos poucos se desprendem de um corpo cultural morto para mergulharem no isolamento crescente e na irremediável sensação de vazio. Sua melancolias poderiam ser compreendidas a partir do ponto de vista do desenraizamento e do exílio, temas centrais da reflexão filosófica e da especulação mística do judaísmo europeu, que voltam a preocupar um grupo que se sentia profundamente ligado ao Estado, à cultura e à terra de sua nascença, mas que se vê, a cada tanto, mais segregado e excluído da sociedade – e até mesmo privado de seu idioma, doravante cerceado por um governo romeno nacionalista.

Mas não são apenas os encantos naturais da região que atraem os hóspedes judeus a esse lugar. Eles vêm, das cidades da Bucovina e até de mais longe, em busca não só de ar puro e de paisagens deslumbrantes, mas também das bênçãos do chamado *Ish ha-mofet*, ou homem milagroso. Os hóspedes estão à procura de uma doutrina salvacionista, porém não conseguem se desfazer da reticência e das reservas ante esse velho *Wunderrabbi*, último representante de uma dinastia em desaparecimento, cuja simples existência é um contraponto a todos os parâmetros culturais em que se formaram.

Appelfeld conta que os antepassados deste velho milagroso atraíam fiéis de toda a Bucovina e Galícia. As pessoas que vêm de longe, em busca de suas bênçãos, às vezes têm que esperar por mais de um mês para lhe revelarem suas doenças e preocupações, e para ouvirem seus conselhos. Mas o mesmo tédio e a mesma ausência de perspectivas que se instalou nas vidas dos judeus citadinos derramasse, como aos poucos se torna evidente, sobre o interior do próprio quarto do homem milagroso, já cego e incapaz de se erguer de seu leito, e que recebe seus consulentes recostado em travesseiros.

Todos os pacientes vêm em busca de cura para a depressão e a melancolia; a todos, ele recomenda uma mesma receita: aprender as letras hebraicas, e proferir ou escrever as preces judaicas tradicionalmente pronunciadas ao amanhecer, à tarde e à noite. Evidentemente o declínio do judaísmo depois de mais de um século de germanização dos judeus do antigo Império é um fenômeno inquestionável: até mesmo o alfabeto hebraico se tornou ilegível para uma geração que se voltou com todas as forças para a modernidade, enquanto que seus antepassados, ainda que vivendo em condições materialmente precárias, sempre se orgulharam de não terem homens analfabetos em seu meio.

Essas recomendações do homem milagroso são

recebidas com ceticismo por esses judeus urbanos, que mergulham nos prazeres mundanos para tentar atenuar suas dores de alma, enquanto seu mundo de nascença aos poucos se desfaz. Eles frequentam o café e o bar, onde se embriagam, visitam o bordel de Madame Fein – ela, também, judia, assim como suas funcionárias. À medida que o tempo avança, mais e mais judeus vão chegando à montanha, foragidos da invasão que já alcança as cidades da planície: a transformação do lugar de veraneio em campo de refugiados e de campo de refugiados em prelúdio de um campo de concentração é um processo que se dá aos poucos, imperceptivelmente, com a sutileza que caracteriza os desdobramentos das narrativas de Appelfeld – desdobramentos radicais, mas que se processam sorrateiramente, e só são percebidos por meio de sinais sutis.

Os judeus das cidades continuam a falar alemão e continuam a alegrar suas noites com trechos de óperas alemãs e com a poesia de Heinrich Heine. Heine é talvez o autor mais emblemático do sonho judaico de ingresso na cultura moderna. É como se estivessem esperando pela volta de algo que parecem fingir não saber que desapareceu irreversivelmente. Em outras palavras, estes personagens desenham um retrato pungente da perplexidade, da ansiedade e da desolação dos antigos súditos judeus do Império.

É nesse meio de desolação e de ausência de perspectivas que se desdobra a trajetória de Kuti, um órfão cujo nome original, bem ao gosto germânico, era Kurt, mas que, com o passar do tempo, se perdeu e se tornou Kuti, como a testemunhar a gradativa degeneração da língua alemã num ambiente cujos laços com os centros da cultura germânica vão se desfazendo, de maneira inexorável, à medida que o tempo passa.

Entre a língua perdida dos pais e a imposição de idiomas do meio que o circunda, Kuti, de quem

jamais ficamos sabendo, ao longo da narrativa, em que língua falava, torna-se gago e sua gagueira parece, mais do que nada, ser causada por sua perplexidade ante o desmantelamento de seu próprio mundo. Sua mãe, conta-nos o romance, morreu no instante de seu nascimento, e o pai é um caixeiro viajante que passa a maior parte do tempo nos caminhos enlameados da Bucovina, lutando para sobreviver, e só aparece em casa ocasionalmente.

Totalmente avesso a qualquer espécie de fé religiosa, esse pai encarna o espírito prático, rude e tacanho daqueles que percebem as próprias existências reduzidas à dimensão de uma luta de vida ou morte contra a pobreza. Casado em segundas núpcias com uma mulher de nome Hanna, ele a proíbe até mesmo de acender velas em casa às sextas-feiras. “O que é esta magia?” pergunta-lhe, rispidamente, cada vez que detecta alguma vela acesa na casa, na sexta-feira à noite.

Appelfeld traça um panorama das angústias e das dúvidas existenciais de uma geração dividida entre os projetos redentores da modernidade e a tentativa pouco séria, mas igualmente desesperada, de retomar algum tipo de contato com uma tradição espiritual de há muito abandonada. Se o pai de Kuti proíbe qualquer tipo de religiosidade ou de expressão de sentimentos metafísicos em sua casa, Hanna, a madrasta, que nasceu de uma família de agitadores comunistas, faz questão de acender as velas do *Shabat* quando o marido está ausente em suas andanças e recita as preces sempre que pode.

Os judeus da montanha, como Kuti e seu amigo Max, tampouco se sentem vinculados à fé religiosa, que sobrevive apenas de forma residual, e se veem em dúvida entre uma germanização anacrônica, de um lado, e a manutenção de uma fé desacreditada, de outro. Os demais judeus do lugar abandonaram as tradições, e tentam encontrar seu

lugar no mundo em que vivem – um mundo que, de alguma maneira, já não lhes pertence mais. A velha sinagoga da cidade, abandonada há décadas, é, junto com o decrepito homem milagroso, um emblema do declínio do judaísmo tradicional. A vida do lugar gravita em torno do homem milagroso, mas a maior parte dos moradores da montanha já não mais acredita nele, nem na doutrina sobre a qual ele se apoia. Só os pobres, os aflitos e pessoas vindas de longe acreditam e o seguem. A comunidade judaica local desvincula-se da tradição, à maneira do que fizeram os judeus da cidade, porém, num quadro caracteristicamente moderno, não parece encontrar referências adequadas para substituir essa tradição.

Se as dúvidas, e em especial as dúvidas de caráter religioso e existencial, dilaceram as vidas dos hóspedes, e também dos moradores da montanha, a fé recebe, no mais das vezes, o epíteto pejorativo de medieval. A oração é um gesto inaceitável para os orgulhosos membros de uma burguesia ilustrada, que veem os costumes dos tradicionalistas como bárbaros.

A velha contrapartida entre “civilização” e “barbárie”, que enviesou os olhares da Europa Ocidental sobre a Europa Oriental ao longo de todo o século XIX, sobrevive aqui, intacta, mais de um século depois de seu surgimento, às vésperas da catástrofe nazista, e os judeus “civilizados” repetem um antigo cacoete oitocentista, segundo o qual tudo o que diz respeito à tradição e, especialmente, aos aspectos irracionais e místicos da fé judaica, recebe o nome de “barbárie”, ao mesmo tempo em que a cultura judaica local se encontra em processo de declínio irreversível.

A modernidade do século XX, que chega à Bucovina em forma de fascismo e de desenraizamento, é o pano de fundo do refúgio proporcionado pela montanha, que torna esse refúgio apenas uma

espécie de paliativo, capaz de adiar, mas não de evitar, a grande catástrofe. O conflito entre a visão de mundo racionalista e germanizada e a tradição e a fé ancestrais permanece irresolvido e precipita os que nele se encontram na perplexidade, na angústia e nas aporias.

A solução que se apresenta em *Expedição ao Inverno* aos dilemas dos judeus divididos entre o intelectualismo e o esteticismo da alta cultura germânica é também um prenúncio e uma apologia do sionismo e do movimento migratório em direção às terras de Israel, que Appelfeld parece reconhecer como única solução possível para esta complexa questão judaica.

REFERÊNCIAS

APPELFELD, Aharon. *Expedição ao Inverno*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. "Entrevista". *Aufbau*, Ano 72, n. 5, Zurique: Aufbau Verlag, maio de 2008.

HOWE, Irving. *World of our Fathers*. Schoken Books, 1990.

ROTH, Philip. *Entre Nós*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROZENCHAN, Nancy. "Entrevista com Aharon Appelfeld" in *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, n. 2. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 125-139.